

**ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO COM O SABER E OS SABERES
DOCENTES, BASEADO NO LIVRO RELAÇÃO COM O SABER,
FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E GLOBALIZAÇÃO, DE BERNARD
CHARLOT.**

**STUDY ABOUT THE RELATION WITH KNOWING AND TEACHING
KNOWLEDGE, BASED ON THE BOOK RELATION WITH KNOWING,
FORMATION OF PROFESSORS AND GLOBALIZATION – BERNARD
CHARLOT.**

Alessandra Maziero Lalin Soato¹

¹ Docente da Faculdade de Apucarana (FAP)/ alessandra.maziero@fap.com.br

RESUMO

Para falarmos em educação devemos considerar diversos aspectos como os sociais, psicológicos e históricos dos alunos e dos professores que estão envolvidos nesse processo. Bernard Charlot reuniu em seu livro *Relação com o Saber, Formação de Professores e Globalização*, diversas publicações sobre alguns assuntos pertinentes à educação. A relação com o saber é o tema mais abordado, porque de fato é a base fundamental da aprendizagem. No momento em que deixamos de focar a informação para focarmos a construção do saber, fortalecemos o vínculo do aluno com a sua formação, com a construção do seu intelecto. E também fortalecemos os saberes docentes que conduzem o professor na realização do seu trabalho. O objetivo desse trabalho foi analisar alguns aspectos abordados no livro para construir relações que facilitem a compreensão do processo de ensino e aprendizagem sob a abordagem do saber.

Palavras-chave: relação, saber, formação.

ABSTRACT

To talk about education we have to consider various aspects such as social, psychological and historical of the students and of the teachers involved in this process. Bernard Charlot gathered in his book *Relation with Knowing, Formation of Professors and Globalization*, various publications about a few subjects pertinent to education. The relation with knowing is the most approached subject, because it is in fact the essential foundation of learning. The moment we stop focusing on the information and start to focus on the construction of knowledge, we strengthen the bond between the student and his formation and the construction of his intellect. And we also strengthen the knowledge that drive the teacher to the accomplishment of his work. The objective of his work was to analyze some of the aspects dealt with in this book to build relations that facilitate the comprehension of the teaching and learning processes subject to the approach of knowledge.

Keywords: relation, knowing, formation.

INTRODUÇÃO

Como formar um professor? Quais são os saberes necessários para a formação desse professor e quais são os saberes utilizados na sua prática profissional? Quais são os saberes dos alunos e como eles constroem suas relações com aquilo que aprendem? São muitas as perguntas que ainda não possuem respostas satisfatórias que preencham algumas lacunas do processo de ensino e aprendizagem. Para compor um estudo sobre a relação com o saber, utilizou-se como base obras e entrevistas de Bernard Charlot, pesquisador e escritor da educação, que mudou-se para o Brasil e passou a investigar sobre a estrutura do ensino brasileiro.

O princípio das suas pesquisas em educação surgiu a partir de suas experiências no ensino onde verificou a defasagem entre o professor que supostamente estava sendo formado e o ser humano que realmente atuaria em sala de aula, o que ele chamou de defasagem entre o discurso teórico e a realidade social deste futuro profissional. Essa defasagem acontecia tanto na Tunísia (onde começou a lecionar) quanto na França onde trabalhou com alunos de uma escola normal (para formação de professores das séries iniciais) e possivelmente ocorreria em outros países. Dessa constatação surgiu a preocupação com as características sociais dos indivíduos que estavam em formação profissional, bem como dos alunos em geral. A idéia de que “o fracasso escolar é programado” surgiu da interpretação da realidade de que alguns seres humanos deveriam manter-se numa condição social inferior aos demais, e as políticas educacionais pareciam levar a essa realidade. A preocupação pelas diferenças sociais é demonstrada constantemente nas suas publicações. No entanto, Bernard Charlot não condiciona o fracasso ou o sucesso escolar exclusivamente à condição social do aluno, ele adiciona vários fatores que, em conjunto, podem ser determinantes do sucesso ou do fracasso na escola.

Com a análise de suas críticas e estudos é possível descrever, sob sua abordagem, alguns aspectos relevantes sobre o saber e as relações que o cercam.

A RELAÇÃO COM O SABER

Após um breve relato histórico sobre a origem da expressão relação com o saber, Bernard Charlot expõe que apenas a partir da década de 90 esse conceito passou a ser trabalhado de forma mais ampla, onde tanto a psicanálise quanto a sociologia atuaram contribuindo para a construção desse conceito.

Partindo desse princípio, tem-se o saber como objeto de desejo. O desejo é intrínseco ao ser humano e esse desejo só é saciado quando se alcança o prazer. Mas para se alcançar esse prazer precisamos de algo que nos leve a ele. Esse “algo” é que pode ser transformado em objeto de desejo, e nesse formato se encaixa o saber. Eu não desejo especificamente o saber, eu desejo o prazer, mas se o fato de saber me traz prazer, então o saber passa a satisfazer o meu desejo, inconscientemente o saber passa a ser um dos objetos de desejo. Transformar esse desejo de satisfazer o prazer em desejo de aprender, ou de saber é que passa a ser a questão principal a ser compreendida, utilizando a psicanálise como uma fonte de compreensão da relação com o saber.

E a outra fonte? Buscamos a sociologia. Bernard Charlot insiste em não limitar o resultado escolar à condição social do aluno. Há muitos outros fatores que interferem no resultado de sucesso ou fracasso escolar, porque se não fosse assim, não haveria destaque entre os alunos das classes sociais mais desfavorecidas e não haveria fracasso entre os alunos das classes sociais mais favorecidas. Deve ser levada em consideração a história de cada aluno e a sua construção pessoal. Em suas palavras, Bernard Charlot usa o conceito *capital cultural* como se a cultura fosse transmitida por herança. Realmente não há como transmitir a sua cultura para o seu filho. O máximo que as famílias de classes sociais mais favorecidas podem fazer pelos seus filhos, a mais do que as famílias das classes sociais menos favorecidas, é possibilitar diversas

fontes culturais para que seus filhos construam a sua própria bagagem cultural. Seja como for, o ser humano nasce incompleto, ele se torna um ser humano a partir do que constrói em seu intelecto e não a partir do que recebe como herança porque não se transmite um saber como herança.

Essa conclusão nos conduz a uma discussão sobre o social e o singular de cada indivíduo. Ele nos lembra a todo o momento que não podemos dissociar os eventos sociais que cercam a história de cada um das interpretações singulares que cada um constrói durante a sua existência. Não fazer essa dissociação é condição para se estudar a sua relação com o saber. Uma das definições mais interessantes descritas no livro é quanto a pesquisa sobre a relação com o saber:

“Realizar pesquisas sobre a relação com o saber é buscar compreender como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio: um sujeito indissociavelmente humano, social e singular” (CHARLOT, 2005).

Sendo assim pode-se fazer pesquisas no contexto antropológico, no contexto social, no contexto psicológico, no contexto didático, ou seja, a relação com o saber é uma construção individual que carrega, portanto, tudo o que é inerente ao ser humano. No entanto, Charlot aponta para uma problemática que já ocorreu com outros conceitos educacionais. Na vontade de se encontrar respostas para os problemas educacionais, já se fala em relação com o saber como uma resposta, uma causa. Não é nesse sentido que a relação com o saber deve ser tratada, ela é uma problemática e não uma resposta. Estuda-se a relação com o saber para se conhecer o sujeito e tudo o que leva a condução da aprendizagem. Para a formação dos professores é importante estudar profundamente essas relações com o saber.

Algumas pesquisas realizadas por Bernard Charlot demonstram formas de relação dos alunos com a escola ou com os trabalhos escolares. Apesar da tentativa de padronização, Charlot lembra que não há uma regra geral determinante sobre a classe social que o aluno ocupa. Há uma tendência, mas não uma unanimidade de relações entre alunos de classes sociais semelhantes.

As análises são muito interessantes e não é difícil reconhecer alguns alunos que já passaram por nossas salas de aula nesses padrões de relações. Há alunos que transformaram o estudo em sua segunda natureza, gostam e não param de estudar. As pesquisas de Charlot demonstram que esses alunos normalmente estão na classe média. Há alunos que consideram o aprender como um desafio e buscam tanto o saber quanto a nota. Outros estudam apenas para passar porque não esperam nada na escola, esperam para depois dela, ou seja, cumprindo o seu tempo na escola ele irá dispor de um bom emprego e de uma vida com qualidade suficiente. Esses alunos normalmente estão nas classes mais populares. E, infelizmente, há alunos que não entendem o que estão fazendo na escola e não enxergam na escola nada que lhes estimule. É como se eles nunca estivessem, efetivamente, dentro de uma escola, pois estão de corpo presente, mas não possuem objetivos que possam ser realizados na escola.

Bernard Charlot faz uma exposição da realidade de vários alunos que estão em contato conosco durante anos na escola, os quais não conseguimos atingir ou não conseguimos que obtenham o sucesso esperado. O aluno que entende a escola como um lugar onde ele deve ir para aprender, mas que para esse processo ocorrer basta a ele seguir as regras da instituição, manter-se em um comportamento adequado e carregar seus livros e cadernos de um lado para o outro, não conseguiu identificar-se no processo de ensino-aprendizagem. Não é ele que está construindo uma relação com o saber, ou a relação que ele constrói apresenta uma imagem distorcida do que deveria efetivamente ocorrer em sala de aula. Esse comportamento leva a uma contradição, obviamente o aluno não terá muito sucesso porque na verdade não está construindo uma relação com saber algum, porém ele está cumprindo o seu papel, o papel de um bom aluno, mas mesmo assim não consegue atingir um desempenho satisfatório que é medido pela nota baixa. Inconformado esse aluno passa a transferir o problema para o professor, porque a parte

dele, ele fez, ele ficou quieto, olhou o professor, escutou o professor falar, olhou o livro, fez a tarefa, ou seja, não há mais nada que seja de responsabilidade dele, só do professor que não explicou direito. Quantos alunos desses estão em nossas salas de aula hoje? Quantos ex-alunos desses estão procurando por empregos ou sub-empregos? Por que a imagem da escola está tão distorcida? Por que essa relação foi construída dessa forma?

Tão grande é a distância entre o aprender e o estar na escola que esses alunos costumam se referir a dois tipos de situações, o aprender na escola (que inconscientemente não serve para nada) e o aprender na vida (esse sim com mérito de aprendizado). É possível imaginar esse abismo entre a escola e o aluno?

Apesar da tendência em relacionar essa situação com a posição de dominado no ambiente social, Bernard Charlot ressalta novamente que para muitos alunos das classes “dominadas” o saber permite abrir os caminhos, justamente para sair dessa dominação. A utilização dos termos dominantes e dominados é muito complexa, há muito mais na essência do ser humano do que pode definir a classe social. Alguns alunos de classes sociais melhores também parecem desestimulados e desinteressados pela escola e pela sua própria vida. Não é fácil encontrar objetivos e perspectivas em suas palavras. O comportamento desse jovem em sala de aula reflete a sua postura com a sua própria vida. Não podemos negar que há influência da situação social na postura de vários alunos das classes mais populares, mas não é possível generalizar.

Há duas condições para que a relação com o saber seja criada de forma que leve ao aprendizado. Primeiro o aprender deve ter um significado. Não só ir a escola, estar com os amigos, mas o assunto deve ter significado suficiente para que desperte no aluno o desejo de saber sobre aquilo. O desejo de todo professor é que seus alunos tenham tanto interesse sobre o que ele tem a dizer, que essa relação seja construída de forma natural. Destaca-se aqui a “aula interessante”. Porém, há ressalvas sobre esse termo. Para a grande parte dos professores toda aula é interessante. Quantas vezes preparamos uma aula especial, imaginando que sairemos da sala satisfeitos e nos deparamos com uma situação de apatia ou irrelevância sobre nosso empenho. Há também momentos em que o professor consegue obter um feedback positivo dos alunos. Ou seja, a aula depende muito das relações entre esses seres humanos nesse determinado momento.

O outro fator relevante é a capacidade do aluno entender como cada disciplina ou assunto deve ser trabalhado, dentro do seu intelecto para que seja entendido, porque cada disciplina tem a sua particularidade e exige determinadas competências para ser compreendida. Assim o aluno deve refletir sobre o que aprende e como aprende (metacognição).

A construção da relação com o saber é um processo complexo, mas sem essa construção não há aprendizagem. E sem aprendizagem não há sentido em termos escolas, professores e alunos.

A influência da situação sócio-econômica do aluno na construção da relação com o saber foi objeto de estudos de Bernard Charlot, que realizou uma pesquisa e comparou as respostas dos alunos de acordo com suas classes sociais, tentando extrair um tipo de relação com o saber de cada resposta. Uma parte interessante dessa análise refere-se a idéia de quem é ativo no processo de ensino-aprendizagem. Parece uma disputa constante, o professor tentando motivar, ou mobilizar, o seu aluno para que ele sintasse envolvido com o projeto escolar, explica a matéria de formas variadas, tenta fazer de forma estimulante, mas para a grande maioria dos alunos é o professor que deve ser ativo no processo de ensino e aprendizagem e não o aluno. Já sabemos que o aluno deve construir uma relação com o assunto ou o saber a ser tratado, e que sem essa relação não há aprendizagem significativa, mas não conseguimos extrair do aluno a idéia de que ele é o verdadeiro responsável sobre como controlar a situação da sua aprendizagem.

Até mesmo uma acomodação dos alunos é visível. Muitos reclamam da mesmice da escola, mas também se recusam a fazer trabalhos alternativos, aulas diferentes, provas subjetivas. Para muitos os trabalhos deveriam ser até mais fáceis. Há uma lógica se pensarmos que esses mesmos alunos podem ter na escola apenas o objetivo de passar, ou porque não têm interesse nenhum pela escola ou porque o que querem só está relacionado ao período após a escola (bom emprego, salário, qualidade de vida), mas não conseguem perceber que esses fatores serão conseqüências de sua formação escolar e não apenas da sua presença na escola. Para estes é até aceitável a postura passiva. Como quem diz “olha eu já estou aqui, faça logo a sua parte e vamos terminar o mais rápido com isso porque eu preciso crescer e ser bem sucedido”.

Não há relação de aprendizagem nessa situação. Interpretando o que disse Bernard Charlot, aprender é mudar, mudar de atitude, de comportamento, aceitar as mudanças que ocorrerão na própria vida, abrir mão de algumas convicções e explorar novos horizontes. Seria o papel da escola e do professor facilitar essa mudança, promover o espaço e as condições ideais para que esse processo ocorra, mas não é isso que verificamos em grande parte dos exemplos.

OS PROFESSORES E A RELAÇÃO COM O SABER

Como é a situação do professor em sala de aula hoje?

Uma das dificuldades encontradas na relação entre professores e alunos é estabelecer quem deve ser o condutor do processo de ensino e aprendizagem. O professor se esforça para fazer um bom trabalho, é dele a responsabilidade pelo aprendizado do seu aluno, mas a ação principal é do aluno que se permite ser ensinado. Ou seja, sem a mobilização do aluno não haverá aprendizagem e isso gera conflito entre o professor e o aluno porque o professor não consegue atingir o seu objetivo.

Outro ponto conflitante é o equilíbrio entre a sua atuação social e a sua influência particular sobre cada aluno, uma vez que a função do professor é de ser um formador social, porém, ele colabora para a formação do ser humano singular, e essa contradição aumenta a dificuldade do relacionamento entre o professor e o aluno.

Cada vez mais os alunos estão depositando na escola a esperança de alcançarem sucesso profissional e financeiro ou mesmo de possibilidade de mudar de classe social ou melhorar suas condições sociais, mesmo quando eles se esquecem da sua parte que é estudar. Na concepção deles basta estar na escola, o aprender e os saberes são conseqüência, quase uma absorção, proporcionada pelo fato de estarem ali. Ou seja, há uma carga de responsabilidade muito maior nos professores, pois o que lhes cabe, a princípio, é ensinar, repassar a cultura humana construída até aqui para as futuras gerações, promover a formação intelectual, formar cidadãos. Mas os alunos, os pais, o sistema educacional, a sociedade como um todo, está depositando na escola, e por conseqüência nos professores, a responsabilidade da mudança de vida, mudança de classe social, a possibilidade de melhoria da qualidade de vida, que não é atingida por todos. Essa situação é agravada quanto mais heterogênea for a turma, principalmente proveniente do ciclo básico onde um professor pode receber alunos na 5ª série do Ensino Fundamental que ainda não tenham sido alfabetizados. Como garantir que todos os seus alunos, com todas as diferenças existentes entre eles, consigam alcançar o mesmo objetivo, o mesmo lugar ao sol?

Sabemos que isso é impossível, sabemos que não há como eliminar o fator singular de cada um na busca pelo seu sucesso. Mas expor essa realidade pode destruir o sonho, destruir a maior esperança do aluno, principalmente o aluno das classes mais populares. Este é um conflito sério com o qual o professor se depara em sala de aula. Como lidar com isso? É também um saber a ser adquirido durante a sua formação, gerenciar tais conflitos, se isso for possível.

Segundo Bernard Charlot, a exigência sobre os professores é maior hoje porque o período de reformas já não ocorre mais. Hoje a reforma é a do profissional e não a do sistema.

Cabe ao profissional ser inovador e capaz de fazer o seu trabalho de forma a contemplar todas as necessidades e responsabilidades depositadas em suas obrigações.

Como as universidades e os cursos de licenciatura para a formação dos professores estão trabalhando com as novas necessidades da profissão do professor? Segundo Tardif (2000) conhecer o conjunto dos saberes utilizados pelo professor na sua prática profissional é um objeto de estudo importante para determinar quais conhecimentos, habilidades e atitudes são utilizadas pelo professor na sua atividade em sala de aula. Estes saberes devem ser amplamente explorados nos cursos durante o período de formação dos futuros professores, no intuito de prepara-los para os desafios presentes durante a execução do seu trabalho. Se a exigência é maior sobre os professores, então deve ocorrer maior preocupação com a sua formação.

Os currículos básicos dos cursos de licenciatura apresentam disciplinas técnicas que abordam os saberes científicos, e disciplinas específicas que trabalham com a formação do professor. Porém, nesse modelo desvinculam-se os saberes científicos da prática profissional.

Até mesmo as pesquisas na área de educação podem apresentar-se desvinculadas da realidade em sala de aula. O corpo docente e a comunidade científica se especializam em suas tarefas e não trocam suas experiências, não relacionam as suas práticas com a finalidade de buscar avanços para a problemática do processo de ensino (Tardif, 2003).

Quando Bernard Charlot fala em prática dos saberes e saberes da prática, podemos utilizar esses conceitos na formação do professor. A prática do saber é, antes de tudo, uma prática que leva a resolução de problemas, a construção de conceitos, ou seja, a produzir efeitos de saber, construção de novos saberes a partir de saberes já adquiridos. Já o saber da prática, refere-se ao conjunto de saberes disponibilizados pela prática, ou pelas pesquisas feitas sobre as práticas. Pode auxiliar no processo, mas não é a base teórica para formação. Não se deve deixar o aprender a ser professor por conta da experiência profissional.

De qualquer forma, o que vemos hoje é que os alunos indagam muito mais sobre a lógica do que está sendo exposto para ser aprendido. Eles devem aceitar o saber, mas indagam a todo instante sua razão de ser. Para os educadores a beleza e o valor do saber são próprios, não é algo que possa ser passível de dúvida, de indagação. No entanto, os alunos não pensam assim, ou seja, mais um ponto de conflito entre os professores e os alunos. Entrar nesse jogo dentro de sala de aula, sair-se bem dele, convencer os alunos da importância dos saberes é mais um desafio. E para aqueles que formarão formadores, o desafio é o mesmo, porém em maior intensidade.

Passamos a exigir utilidade, facilidade, rapidez e garantias da escola, e esquecemos que na escola devemos abrir nosso intelecto para os saberes construídos por toda a humanidade. O resultado da escolarização não deve ser imediato e palpável, deve fazer parte da nossa constituição como indivíduos, deve, efetivamente, construir o ser humano.

Retomar esse objetivo principal facilita a definição das ações que estarão estabelecendo a estrutura do ensino.

O PAPEL DA ESCOLA

Cobra-se da escola posições e funções antagônicas, por exemplo, cobra-se da escola a abertura, mas fecha-se a escola para proteção; cobra-se da escola trabalhar com a aprendizagem básica, mas exige-se a formação profissional. Como a escola pode funcionar assim?

Antigamente as crianças eram tiradas do convívio com os pais e com a sociedade em geral para não sofrerem influências no seu processo de educação. A essa atitude, Bernard Charlot chama *cercamento da escola*. Porém, mesmo mais recentemente, esse cercamento esconde algumas diferenças entre os alunos, seja social, seja com relação à discriminação sexual, ou seja, com relação ao trabalho e a instrução.

A partir da década de 60 surge a necessidade econômica de ampliar a escolarização a mais pessoas. Ocorre a abertura das últimas séries do ensino fundamental a mais crianças, ampliando a escolarização desses alunos e permitindo maior heterogeneidade nas classes, onde podem ser gerados novos conflitos, novas comparações, novas lutas. As questões econômicas passam a interferir mais no trabalho dentro das escolas, e a influenciar nos sistemas de ensino empregados.

Sendo assim, o que temos hoje é uma escola repleta de seres humanos que trazem informações diferentes, são de culturas diferentes, sonham em melhorar, mas para cada um, estar melhor significa chegar a um ideal diferente. Nesse ambiente podem surgir muitos conflitos que devem ser gerenciados, mas também surgem novas idéias, novos padrões de comportamento, novas atitudes. Deve-se tomar cuidado para não aumentar as diferenças sociais, mas é um local onde há grande transferência cultural. Porém, nesse ímpeto moderno, estamos perdendo uma parte do sentido fundamental da escola que é cuidar dos saberes dos alunos. A abertura que permitiu maior acesso a um grande número de pessoas, também facilitou a massificação e perdemos na qualidade do processo. Bernard Charlot defende que haja o *cercamento simbólico* para distinguir a escola de outros lugares de convívio dos jovens, como se na escola continuasse ocorrendo algo que não encontramos em nenhum outro lugar.

Infelizmente é visível a deterioração da imagem da escola perante os alunos e a sociedade. A escola também se tornou uma ambiente vulnerável onde encontramos a violência, seja ela na escola, à escola e da escola. Ou seja, violências que ocorrem na escola, cuja origem está fora dela (acerto de contas entre gangues, por exemplo, principalmente com relação a drogas); violências que ocorrem à escola, essa considera agressões aos professores, danos materiais à escola, entre outros; e violência da escola, aquela produzida pelo sistema escolar, incluindo atitudes não profissionais dos professores e demais funcionários, formas de discriminação aos alunos e injustiças no processo avaliativo (Charlot, 2005).

Talvez a força geradora dos conflitos violentos à escola está em torno da falta de perspectiva no compromisso com os estudos. Se o aluno pensa que estar na escola é a única forma dele ter uma vida razoável no futuro e se alguns dados demonstram que essa não é a realidade, considerando os casos de desempregados com titulação acadêmica, ocorre uma desmotivação desse aluno em aprender e estar na escola, portanto, é uma fonte de conflito. Para esse aluno, estar na escola pode parecer que está perdendo tempo. Ao se retomar a idéia principal de aprender e saber na escola, a idéia de que existe prazer em saber, talvez os conflitos possam diminuir porque se devolve ao aluno a perspectiva de que com o seu esforço, com um bom desempenho escolar, haverá maior construção do seu intelecto o que facilitará sua ascensão profissional e social.

Pode ser que essa não seja a única razão dos conflitos violentos na escola, mas com certeza é uma fonte que pode ser trabalhada e melhorada para se evitar esses conflitos. Assim como as injustiças praticadas pela própria instituição. São inaceitáveis preconceitos raciais, sexuais, religiosos e culturais no ambiente escolar, assim como se deve tomar muito cuidado com as injustiças provocadas pelas notas ou sistema de avaliação. Acima de tudo estamos formando pessoas, seres humanos que exigem respeito pela própria condição de sermos todos seres humanos, iguais em nossos direitos e responsabilidades. Óbvio que as influências externas das condições sociais e familiares podem interferir nas atitudes dos alunos, mas sobre o que podemos atuar, é nossa obrigação manter a ordem e a justiça.

Os alunos e a escola estão envolvidos no processo da globalização. Porém, a globalização não pode ser utilizada como uma ferramenta para impor a cultura e a dominação dos países mais desenvolvidos. No ambiente multi-cultural da escola, devemos respeitar as diferenças e impedir a perda de identidade cultural dos alunos. Se estivermos falando de escolas que estão mais abertas, de mais alunos que estão inseridos nessas escolas, da heterogeneidade e da liberdade de expressão de todos os seres humanos, podemos imaginar uma sala de aula

conflitante ou de livre expressão. Conflitante se todas essas diferenças não forem reconhecidas como direito da cultura de cada um. De livre expressão se reconhecendo a nossa própria cultura, abrimos espaço para culturas diferentes, simplesmente por perceber a importância dessa liberdade para cada um de nós, por reconhecermos a beleza de cada cultura e de estabelecermos que todos temos esse direito. É dessa forma que deveria ser o ambiente escolar livre e rico em culturas e saberes.

Fala-se muito da educação como mercadoria por ter se tornado uma ferramenta importante para o crescimento econômico dos diversos países, mas critica-se muito essa condição porque a educação deveria ser tratada como um direito adquirido de toda a população, uma vez que nascemos inacabados e que precisamos nos educar para sermos, efetivamente, seres humanos. Critica-se também, a posição dos órgãos monetários internacionais que interferem no planejamento econômico dos países mais pobres, dos quais se exigem sacrifícios financeiros que, constantemente, diminuem os valores dedicados à Educação nesses países.

É nesse complexo contexto que a escola está inserida, recebendo influências políticas e econômicas, gerenciando conflitos de aprendizagem e buscando a sua própria identidade como instituição educadora. As mudanças foram intensas e repentinas, a escola tenta se adequar para reencontrar o caminho que permita aos alunos um processo de aprendizagem eficiente.

CONCLUSÃO

A discussão sobre quais devem ser os saberes pertinentes aos professores para serem competentes e inovadores na execução do trabalho como docente é extremamente ampla. É muito difícil estabelecer o que é ser professor e como o professor deve agir. Aprender a ser professor é muito complexo. Algumas disciplinas são base para o saber científico que o professor irá lecionar. Outras compõem uma gama de estudos sobre os alunos e a educação. Quando assumimos uma sala de aula, aprendemos muitas “táticas” pela prática. É muito arriscado deixar que o professor aprenda somente pela sua prática, que a experiência complete a lacuna deixada pela formação. Dentro do contexto escolar apresentado nesse trabalho, levando-se em consideração os desafios da realidade do ensino, parece que o profissional tornou-se vulnerável e que sua formação não está correspondendo às suas necessidades.

As disciplinas cursadas pelos futuros profissionais durante a sua formação devem aproximar-se do cotidiano da profissão e contribuir para a formação dos saberes que o profissional deve apresentar para exercer o seu papel. As pesquisas têm papel relevante nesse contexto, uma vez que não estão bem claros ainda, quais são os saberes necessários para a prática de ensino e como são as relações construídas entre os alunos e os saberes escolares.

A relação dos alunos com a escola, levando-se em conta toda sua história como um ser social e singular ao mesmo tempo, os efeitos da violência no ambiente escolar, a força da globalização interferindo nos sistemas de ensino adotados pelos países submetidos às pressões internacionais, tudo ajuda a compor o ambiente escolar e o professor deve estar inserido nesse contexto mais amplo, além do giz e quadro-negro.

O professor que entra em sala de aula precisa estar preparado para toda essa problemática que envolve o aluno, pois esse aluno é mais crítico, mais exigente, mais participativo dos problemas familiares e por eles mais afetado. Para tanto devemos prosseguir com as pesquisas e atuar em sala de aula praticando os nossos saberes, as nossas capacidades. Aprender como deve ser a prática de um profissional reflexivo, qual é o papel que a atividade discursiva exerce sobre o aprender dos alunos, como ocorrem as interações sociais em sala de aula que privilegiam o aprendizado de uns e dificultam o aprendizado de outros, como os alunos elaboram suas interpretações do saber científico com base nos conhecimentos prévios que carregam, em todas essas áreas as pesquisas em ensino têm demonstrado que há muito para

investigar e os resultados só irão colaborar com a melhoria do processo. Se foi este o caminho que escolhemos, que a trajetória seja a mais correta e competente possível, e que os alunos não passem pelas nossas mãos em vão, devemos ter responsabilidade sobre a formação do indivíduo e da sociedade.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. A escola e o saber. Disponível em:

<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ent_a.php?t=006> Acesso em: 22 de julho de 2007.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, vol.11, nº 31, p.7-18, jan/abr. 2006.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o Saber, Formação dos Professores e Globalização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, nº 13, p. 5-24, jan/abr. 2000.